



DOI: 10.30681/issn23163933v29n02/2020p530-537

RESENHA

O SUJEITO FEMININO NA CONSTRUÇÃO POÉTICA DE
ENTRAVES

THE FEMALE SUBJECT IN THE POETIC CONSTRUCTION OF
ENTRAVES

Valdirene Baminger Oliveira¹

CARBONIERI, Divanize. *Entraves*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2017.

Para Mário Quintana (2012, p. 142) “Um bom poema é aquele que nos dá a impressão de que está lendo a gente... e não a gente a ele”. Sendo assim, ao ler bons poemas somos arrebatadxs de uma maneira visceral, somos transportadxs a universos únicos, particulares, solapadxs de nosso lugar comum para ora mergulhar na imensidão de oceanos profundos, ora flutuar à deriva pelo espaço infinito. Abaladxs pela estrutura orgânica do texto, ouvimos sons inaudíveis e imaginamos formas surpreendentes. Bons poemas nos desafiam a trilhar nossos caminhos encarando os amores, as dores e as angústias que o cotidiano nos reserva, nos fazendo tomar

¹ Doutora em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal de Mato Grosso e professora da Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso. E-mail: val.estudio7@gmail.com





consciência da infinitude de obstáculos que podem nos cercar, impedindo ou dificultando a nossa travessia pela vida.

É isso que nos provoca Entraves (2017), o excelente livro inaugural da poeta Divanize Carbonieri. Composto por trinta poemas, entre eles o que dá nome ao título, o livro foi agraciado com o prêmio Mato Grosso de Literatura em 2017. Embora a obra não seja apenas sobre bloqueios e dificuldades, há que se admitir que, talvez premeditada e metalinguísticamente, o modo como os poemas foram construídos parece oferecer diminutos entraves à compreensão, submetendo o leitor desavisado a um esforço maior para absorver os sentidos. Mas, longe de ser uma desvantagem, isso confere ainda maior autenticidade à preciosa obra da autora. Por meio de vocábulos fortes e, por vezes, incomuns, o receptor é conduzido a um amálgama de situações relacionadas aos estranhamentos, às impossibilidades e aos empecilhos que a realidade nos impõe.

Partindo de uma composição lexical que alterna fluidez e rigidez quase na mesma proporção, a obra é composta por poemas curtos, com rimas internas nem sempre regulares. O uso de assonâncias e aliteraões também ocorre em maior ou menor grau em boa parte dos versos. A construção poética permite que o leitor desvie e retorne para a trajetória proposta em diversos momentos, seguindo sempre um caminho tortuoso que pode levar a qualquer lugar ou a lugar nenhum. Em alguns poemas, como o segundo do livro denominado “Lacuna”, descobrimos que essa difícil vereda é trilhada por um sujeito feminino cuja senda é ainda mais tenebrosa.



“Lacuna” é um poema breve, com apenas 12 versos que retratam, através de uma dinâmica de imagens que se formam a partir do texto, uma “lacuna não preenchida nem remida”, uma falta deixada no mundo adulto pela morte de uma jovem. Um misto de delicadeza e violência se forma nesse movimento de revelar e esconder representado pela pequena mancha de sangue no tecido de linho que cobre “a derme rota dessa menina morta”. Por meio do verso “cena antecipada e morte anunciada” percebemos uma voz que ecoa em favor dessa mulher que sofre com a violência e aponta para a urgência de ações mais assertivas para coibir tais atos, visto que grande parte delas já teve de fato a sua morte anunciada muitas vezes antes da agressão fatal.

O tema do feminino encontra seus pares intertextuais junto a outros poemas como “Riscos”, “Tramoia”, “Equivalente”, “Percurso”, “Mulher”, “Astronauta”. Cada um desses poemas apresenta sua singularidade, porém, em toda a coletânea, há um movimento que se desenha por meio de incongruências, de obstáculos, seja na decrepitude da senilidade que impede o sujeito de viver plenamente, seja na incerteza quanto ao futuro ou ainda no descrédito e violência que rondam a figura feminina.

Em “Riscos”, parte da temática se dá por meio de diálogos que se estabelecem entre os riscos (linhas) do tempo e os riscos traçados para enfeitar o “corpo da cunhatã na tempestade de pó”. A palavra cunhatã, proveniente da língua Tupi para designar “moça”, é empregada para desvelar a origem indígena dessa jovem mulher. O poema segue num ritmo contínuo em que observamos sua coragem e força: “o ato do desenho que se enlaçava/a mente era quietude e valentia/a seta certa



transpassando o alvo”. Porém, pouco após a metade, o poema, que é composto por treze versos, sofre uma mudança brusca na dinâmica dos acontecimentos associada a uma mudança no tempo: “alterado o emaranhado do tempo/a pele não é mais pintada nem riscada”. Ao final, as “cuias passam sem esses traços similares/a presa escapa da mira desatenta/o pensamento é apenas devaneio/de riscos sem sentido encompridando-se”. A mulher indígena, antes jovem, está agora senil. O tempo e os costumes mudaram, para ela e para os seus.

Talvez haja uma correlação entre esse e o poema “Demência”, cuja temática obviamente se refere ao esquecimento senil: “entrementes o supprassumo/da demência se manifesta/sempe na emergência/da última fase da vitalidade”. Essa é uma singularidade da autora, que relaciona seus poemas uns com os outros ainda que tratem de assuntos supostamente diferentes. Tal ideia também pode ser observada entre um dos versos do poema “Percurso”, que se declara “no limiar/da vida de lá/ladeando/a lâmina/do asfalto”, e o próprio poema denominado “Lâmina”. “Lâmina”, aliás, é um dos poemas mais autobiográficos da coletânea por descortinar, em certa medida, a aura que envolve o próprio narrador, “o narrador autodepreciativo/se desprende de si para/narrar a falha de todos/pares que somos no erro”. Aqui, desnudada em seu estado lírico, a poeta se une e nos une às vicissitudes da vida em comum.

Assim, a forma com que foram construídos nos permite traçar um risco, ou um fio condutor invisível que une a maioria dos poemas e cria uma ideia de continuidade, características também de uma via.



Já “Tramoia” nos mostra “todos os homens de terno” tecendo mentiras, ventilando “a tramoia/que querem tornar/verdade entre/mulheres e jovens”. Com “morta a lei/ invalidada a equidade”, a voz lírica aponta para injustiças e desigualdades das quais principalmente o sujeito feminino pode ser alvo. O poema de vinte e dois versos termina forte “na garganta das amotinadas/sangue e gritos/grasnados/resta a violência/das pedras lançadas”, remetendo à imagem de outra mulher, mais antiga, que por pouco não foi apedrejada pelos mesmos “homens de terno” de sua época, Maria de Magdala.

“Equivalente” particulariza a dominação masculina ao substituir os “homens de terno” por um único “moço de jaqueta vermelha/que joga sinuca tranquilo”. Porém, da mesma maneira que no poema anterior, esse sujeito está “tramando contra as mulheres/terríveis armações malsucedidas/seduções que esmigalham/o coração medroso de cão”. Apesar disso, o próprio verso infere que tais armações são malsucedidas, visto que essa mulher resiste e nunca se entrega por inteiro: “servem-lhe o colo e o ventre/mas não a alma equivalente”. Seu corpo pode ser subjogado, mas sua alma intacta permanece.

Em “Percurso” o conjunto encontra seu equivalente metapoético. Para cumprir esse trajeto, somos lançados em um cenário urbano: “o postigo/de vidro/da porta/de alumínio/permite/a vidência/do ponto/iluminado/da avenida”. Aqui também essa desgraçada mulher busca o seu caminho, o seu destino. As veredas pavimentadas que levam a ele são “ilimitadas/e diversas/podendo a/viandante/apenas/passar por/poucas delas/durante seu/percurso/vão/de vida”. Embora haja possibilidades



diversas quanto aos rumos a seguir, a voz narrativa sugere que nem sempre é possível pegar o melhor deles e, nesse cenário de desesperança, a viajante segue seu percurso vão.

“Mulher” é o penúltimo poema do livro. Aqui, Carbonieri extrapola o limite entre forma e sentido em seus versos para significar paradoxalmente o que é ser mulher. Partindo de uma estrutura poética composta por vinte e cinco versos, o poema é “dividido” em cinco partes, sem, no entanto, pular nenhuma linha de um verso para o outro. Essa divisão se dá por meio de cinco versos maiores que os demais, o que nos possibilita ler o poema todo de antemão a partir desses versos. É como se só eles, de certa maneira, resumissem o poema todo em “mulher é o não/mulher é o menos/mulher é a lei/mulher é a moenda/mulher é a trava”. Essa forma inusitada, em que cada um dos versos acima é seguido por outros quatro versos compostos por apenas uma ou duas palavras permite que o poema forme um desenho que remete a uma linha sinuosa, difícil, como o é, por vezes, o caminho feminino.

Na aparente ambiguidade que permeia as múltiplas facetas do que é ser mulher, o sujeito lírico propõe “mulher é o não/faça/não seja/a força/a faca”. O poema termina nessa mesma direção, destacando que “mulher é a trava/ataviada/travestida/avestruz/atroz”. Aqui o vocábulo “trava” remete à temática que envolve todo o livro, sugerindo que, embora a figura da mulher esteja ligada a uma ideia de vaidade (ataviada/enfeitada) e exposição exacerbada, como uma avestruz que esconde a cabeça (mente, cérebro) e deixa apenas o corpo à mostra, ela



pode ser também uma trava, atroz, que freia, segura, impede a sua própria depreciação e desgraça.

Alargando essa noção, ao ler “Mestiça” deparamo-nos com uma inominada criança, cujo gênero não é informado. Aqui se percebe uma figura humana que se move num interstício, num entrelugar, e que, deslocando-se entre a cor branca e a preta, é definida como mestiça, misturada. Essa criança carrega em seu “lombo açoitado” a “cicatriz herdada/ bordada na epiderme”. Por meio de uma associação imagética é possível estabelecer relações entre os versos “seu filho injustiçado/atiçado como cão/ no chão do castigo” e o quadro “O jantar” (1820) de Jean-Baptiste Debret que retrata um casal nobre jantando. Sentado à mesa, o casal é observado por um criado negro em pé em um canto da sala enquanto a senhora branca é abanada por uma criada negra. Aos pés da senhora duas crianças negras nuas são alimentadas por ela tal qual a dois cãezinhos. Essa associação não é de todo improvável, considerando-se que Divanize Carbonieri, além de professora e doutora em Letras, também possui uma formação em Artes.

Apesar de tudo, há no término do poema um grande alento, a percepção de que a herança dessa criança não precisa estar ancorada apenas no estigma da escravidão. A voz narrativa evoca, então, a beleza dos reinos, a nobreza do labor e os ensinamentos da tradição oral africana, trazendo à memória a dignidade de seus ancestrais: “o verme que devora/rememora o ancestral/espectral ascendente/resplandecente rama/da trama antiga/uma espiga de ouro/nascedouro de reis/menstréis da palavra/a lavra benigna/uma digna herança/da criança mestiça.



O último poema da coletânea, denominado “Astronauta”, encerra o conjunto com o que parece ser um relato pessoal: “atingi a atmosfera/morada das feras/e dos átomos/de ozônio”. Tal relato narra a solidão de um indivíduo em contraste com a imensidão do universo. A voz lírica revela uma “atônita astronauta/à deriva” que parece ter caído na Terra e está agora sozinha e perdida “na calada/variando/oscilando/só no oceano”.

Numa dialética que se estabelece entre a construção de um poema e a vida, a poética da autora Divanize Carbonieri não apenas se compromete com o estilo literário, mas divide com o leitor o seu mal-estar no mundo. Debate-se com as incertezas da vida e com a condição de ser mulher, de ser indígena, de ser mestiça, de ser gente nesse mesmo mundo injusto e desigual. Ela nos arrasta para um torvelinho de emoções contraditórias, reais, nos impelindo a trilhar uma senda marcada por tropeços e quedas, mas da qual sempre nos levanta para, ainda que trôpegxs, continuarmos caminhando.

Referências

- CARBONIERI, Divanize. **Entraves**. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2017.
- QUINTANA, Mário. A revelação in **A vaca e o hipogrifo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.